



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS- PORTUGUÊS**

MATHEUS KENNEDY HENRIQUES DE MACÊDO

**O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO SOBRE A DEMOCRACIA: ANÁLISE DAS
CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E DA VONTADE DE VERDADE**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MATHEUS KENNEDY HENRIQUES DE MACÊDO

**O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO SOBRE A DEMOCRACIA: ANÁLISE DAS
CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E DA VONTADE DE VERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Letras - Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. José Domingos

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M141d Macedo, Matheus Kennedy Henriques de.

O discurso de Jair Bolsonaro sobre a democracia [manuscrito] : análise das condições de possibilidade e da vontade de verdade / Matheus Kennedy Henriques de Macedo. - 2024.

38 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Domingos, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Democracia. 2. Análise do discurso. 3. Condições de possibilidade. 4. Vontade de verdade. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MATHEUS KENNEDY HENRIQUES DE MACÊDO

O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO SOBRE A DEMOCRACIA: ANÁLISE DAS
CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E DA VONTADE DE VERDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Licenciatura Plena
em Letras – Língua Portuguesa, pelo
Departamento de Letras e Artes do
Centro de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I,
Campina Grande – PB.

Aprovada em: 05/06/2024

BANCA EXAMINADORA

José Domingos

Prof. Dr. JOSÉ DOMINGOS – (Orientador)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

Tânia Maria Augusto Pereira

Prof.ª. Dra. TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA (Examinadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

Bruna Maria de Sousa Santos

Prof. Me. BRUNA MARIA DE SOUSA SANTOS – (Examinadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

À minha avó Naide (*in memoriam*).

A todos os brasileiros, de ontem e de hoje,
entrincheirados na defesa da Democracia.

“A democracia é um empreendimento compartilhado. Seu destino depende de todos nós.” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p.217)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Promiscuidade do jogo democrático.....	23
Figura 2 –	Democracia e corrupção	25
Figura 3 -	Apoio de Trump.....	27
Figura 4 -	Bolsonaro e STF.....	28
Figura 5 -	Presidência e religiosidade.....	30
Figura 6 -	7 de Setembro.....	32
Figura 7 -	Manifestações de 7 de Setembro de 2022.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 METODOLOGIA.....	10
3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS...11	
3.1 O discurso na perspectiva foucaultiana.....	12
3.2 Das condições de possibilidade do discurso.....	14
3.3 Discurso político.....	17
4 DEMOCRACIA.....	18
5 O GÊNERO <i>TWEET</i> E SUA RELAÇÃO COM BOLSONARO.....	19
6 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO SOBRE A DEMOCRACIA: ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E DA VONTADE DE VERDADE

JAIR BOLSONARO'S DISCOURSE ON DEMOCRACY: ANALYSIS OF THE CONDITIONS OF POSSIBILITY AND THE WILL TO BE TRUTH

MACÊDO, Matheus Kennedy Henriques de¹

RESUMO

Ao longo do tempo, os meios de comunicação foram vistos pelos agentes políticos como canais fecundos para se fazerem conhecidos junto ao público e levaram, a roldão, seus programas/propostas políticas. No Brasil, os veículos de massa mais tradicionais são o jornal impresso, o rádio e a televisão. Com o advento da internet, a facilidade de acesso à informação e a imediatividade de contato com o público digital, fizeram com que o olhar dos políticos se voltasse para o potencial que as redes sociais teriam para seus objetivos. Destaca-se nesse grupo, o ex-presidente da República Jair Bolsonaro que construiu sua campanha eleitoral vitoriosa à presidência em 2018 através das redes sociais *Facebook* e *Twitter* (atual X) e, uma vez eleito, manteve sua forma de comunicação do governo por meio destas plataformas. Bolsonaro é uma liderança política brasileira de extrema-direita, cuja formação discursiva envolve a defesa de ideais conservadores, o patriotismo, as liberdades individuais sob todos os prismas, angariando apoios que vão desde o agronegócio, passando pelos militares até o segmento evangélico. Com um estilo virulento e combativo, Bolsonaro sempre mostrou ora despreço, ora um entendimento destoante acerca dos pilares e da concepção de democracia no Brasil. Sendo assim, este artigo apresenta a seguinte questão de pesquisa: que sentidos sobre democracia são produzidos a partir das declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter*, considerando as condições que possibilitam seu aparecimento e as vontades de verdade que os constituem? E objetiva analisar o discurso sobre democracia presente nas declarações de Bolsonaro no *Twitter* durante o período eleitoral de 2022, visando compreender o funcionamento da vontade de verdade e das condições de possibilidade desse discurso. Nesse cenário, a pesquisa busca de maneira mais específica: descrever as condições de possibilidade para a emergência do discurso de Jair Bolsonaro sobre a democracia; identificar o(s) sentido(s) acerca da democracia que são manifestados no discurso do então presidente da República, observando sua relação com elementos da memória discursiva e evidenciar a vontade de verdade que sustenta os dizeres sobre democracia no discurso do então candidato. Para fundamentar essa proposta, comunga das contribuições da Análise do Discurso de linha foucaultiana e autores como Foucault (1996; 2012), Orlandi (2007), Pinto (2006) e Silva (2022). O *corpus* é composto por sete *tweets*, divididos em três séries enunciativas. A primeira série enunciativa apresenta as materializações do discurso sobre democracia a partir dos ataques à oposição. A segunda série evidencia os discursos sobre democracia relacionando com a defesa da liberdade e, por fim, a terceira série associa a democracia aos valores do patriotismo. Desse modo, o discurso sobre democracia de Bolsonaro é marcado por uma regularidade discursiva, que evoca as discursividades da eleição vitoriosa de 2018 e as bases da formação ideológica do chamado bolsonarismo.

¹ Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba.
(kennedymatheus473@gmail.com)

Palavras-chave: Democracia; Discurso; Condições de possibilidade; Vontade de verdade.

ABSTRACT

Over time, the media were seen by political agents as fruitful channels to make themselves known to the public and took their political programs/proposals by storm. In Brazil, the most traditional mass media are the printed newspaper, radio and television. With the advent of the internet, the ease of access to information and the immediacy of contact with the digital public made politicians' eyes turn to the potential that social networks would have for their objectives. Standing out in this group is the former president of the Republic Jair Bolsonaro, who built his victorious electoral campaign for the presidency in 2018 through the social networks Facebook and Twitter (currently X) and, once elected, maintained his form of government communication through these platforms. Bolsonaro is a far-right Brazilian political leader, whose discursive formation involves the defense of conservative ideals, patriotism, individual freedoms from all perspectives, garnering support ranging from agribusiness, through the military to the evangelical segment. With a virulent and combative style, Bolsonaro has always shown either a lack of appreciation or a conflicting understanding of the pillars and conception of democracy in Brazil. Therefore, this article presents the following research question: what meanings about democracy are produced from Jair Bolsonaro's statements on Twitter, considering the conditions that enable its emergence and the desire for truth that constitutes it? It aims to analyze the meanings about democracy present in Bolsonaro's statements on Twitter during the 2022 electoral period, aiming to understand the functioning of the will to truth and the conditions of possibility of this discourse. In this scenario, the research seeks in a more specific way: to describe the conditions of possibility for the emergence of Jair Bolsonaro's discourse on democracy; Identify the meaning(s) about democracy that are expressed in the discourse of the then President of the Republic, observing their relationship with elements of discursive memory and highlight the desire for truth that supports the words about democracy in the discourse of the then candidate. To support this proposal, we share the contributions of Foucauldian Discourse Analysis and authors such as Foucault (1996; 2012), Orlandi (2007), Pinto (2006) and Silva (2022). The corpus is composed of seven tweets, divided into three enunciative series. The first enunciative series presents the materializations of the discourse on democracy based on attacks on the opposition. The second series highlights speeches about democracy relating to the defense of freedom and, finally, the third series associates democracy with the values of patriotism. In this way, Bolsonaro's discourse on democracy is marked by a discursive regularity, which evokes the discourses of the victorious 2018 election and the bases of the ideological formation of the so-called Bolsonarism.

Keywords: Democracy; Speech; Conditions of possibility; True desire.

1 INTRODUÇÃO

Os atores políticos brasileiros sempre buscaram ampliar as reverberações de seus discursos a partir dos meios de comunicação vigentes. Foi assim com o jornal, o rádio, a televisão e nos últimos tempos com a internet. O avanço da internet permitiu que líderes

políticos a utilizassem como plataforma de difusão dos seus ideais de mundo e mobilizações partidárias, outrora exclusivos de veículos como o rádio, jornal impresso e a televisão aberta. É nesse contexto que personalidades como o ex-presidente Jair Bolsonaro se cacifou na disputa eleitoral de 2018 e conduziu sua maneira de governar e de estabelecer comunicação com os seus: a partir das telas, *posts* e *tweets*.

Nessa perspectiva, foi concedido uma espécie de “palco” para as discussões ideológicas caras aos adeptos do que se convencionou chamar de “bolsonarismo”, com maior reverberação e amplitude. Um dos temas mais presentes nas postagens do ex-presidente Bolsonaro era a democracia, obviamente, segundo sua visão de mundo.

Sendo assim, nosso objeto de análise se alicerça em algumas publicações de Bolsonaro no *Twitter*², durante a campanha eleitoral de 2022, acerca da democracia. Para tanto, as análises são empreendidas no sentido de compreender as condições de possibilidade em que emerge o discurso sobre a democracia, bem como os elementos da vontade de verdade que o constituem.

Diante do exposto, surgiram indagações pertinentes ao nosso estudo e que percorrem a órbita da Análise do Discurso (doravante AD), como o conceito de efeitos de sentido, produzidos/interpretados por sujeitos histórico-sociais e que se concretizam pela materialidade da linguagem, no caso em questão, pelos *tweets*. A base teórica adotada se estrutura a partir das contribuições de Foucault (1996; 2012), sobretudo nos conceitos de discurso, enunciado, vontade de verdade e condições de possibilidade. Também nos fundamentamos em Orlandi (2007), Pinto (2006), entre outros. Nosso trabalho ainda destaca a noção de democracia enquanto regime político, que tem sido posto à prova a partir da ascensão de líderes que questionam seu próprio funcionamento (Azevedo; Lourenço, 2022). Sendo o discurso resultante da interseção com a história e, portanto, gerado no social, sua emergência se dá mediante as possibilidades do exterior, das batalhas ideológicas travadas em sociedade. A vontade de verdade, por sua vez, compreende que os discursos estão envoltos em relações de poder que determinam regimes de verdade, sendo, portanto, a existência do discurso tido como verdadeiro resultado dessas disputas.

Assim, neste trabalho, procuramos responder à seguinte questão: que sentidos sobre democracia são produzidos a partir das declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter*, considerando as condições que possibilitam seu aparecimento e as vontades de verdade que os constituem? Para respondermos à questão proposta, definimos os seguintes objetivos da pesquisa:

Geral: Analisar o discurso sobre democracia presente nas declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter* durante o período eleitoral de 2022, visando compreender o funcionamento da vontade de verdade e das condições de possibilidade desse discurso.

Específicos:

- Descrever as condições de possibilidade para a emergência do discurso de Jair Bolsonaro sobre a democracia;
- Identificar o(s) sentido(s) acerca da democracia que são manifestados no discurso do então presidente da República, observando sua relação com elementos da memória discursiva;
- Evidenciar a vontade de verdade que sustenta os dizeres sobre democracia no discurso do então presidente/candidato;

² Em julho de 2023, a rede social passou a se chamar X. Neste trabalho, optamos pela utilização da antiga denominação da rede social, já que quando os discursos foram recortados para análise ela se chamava *Twitter*.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, visto que selecionamos como *corpus* para nossa análise *tweets* do ex-presidente Jair Bolsonaro, no período eleitoral de 2022, que tratassem, de algum modo, sobre a democracia.

O presente estudo é justificado pelo fato de a democracia brasileira ter sido um dos temas mais frequentes nos discursos políticos do ex-presidente Jair Bolsonaro, não obstante, também em sua cruzada eleitoral de 2022. Semelhante ao pleito de 2018, a polarização política também se refletiu no entendimento das balizas democráticas, manifestadas em publicações no *Twitter* (hoje X), por exemplo, do mandatário da época. Além disso, entendemos que estudos que se debruçam sobre a democracia, nesses tempos hodiernos, assumem um grau de importância elevado, haja vista o estado de emergência a que foram ou estão sendo submetidas diversas sociedades que se organizam no regime democrático, mediante a ascensão de líderes com pouco ou nenhum apreço às balizas democráticas e que as colocam sob constante ameaça, a exemplo do que aconteceu/acontece recentemente no Brasil, nos Estados Unidos e em partes da Europa. Analisar como esses discursos servem para a erosão democrática também é fincar uma bandeira em defesa da democracia.

Selecionamos para estudo o discurso do ex-presidente Bolsonaro sobre a democracia porque acreditamos na contribuição de trabalhos acerca desta figura político-histórica brasileira ainda “fresca” na memória nacional, apresentando a relação de seu discurso nas redes sociais. Academicamente, o estudo em questão possibilita que percebamos o funcionamento de noções teóricas postuladas pela AD a saber, da vontade de verdade e das condições de possibilidade diante de um discurso ainda pouco esmiuçado pelos pesquisadores de AD.

Para além desta introdução, o presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico escolhido para atingirmos os objetivos pretendidos; em seguida, fazemos a revisão da literatura relevante com as categorias de análise necessárias para este estudo, partindo dos pressupostos da AD, especialmente na perspectiva foucaultiana, passando pela ideia de democracia e a relação entre o gênero *tweet* e Jair Bolsonaro, o sujeito enunciador que nos interessa nesta pesquisa. A seguir, apresentamos a seção de análise e discussão dos *tweets* selecionados, conforme as especificidades já apresentadas. Por fim, tecemos as considerações finais, estabelecendo um raciocínio entre o que foi discutido/analísado e as implicações práticas com a teoria escolhida.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa, do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, posto que procuramos analisar como são produzidos os efeitos de sentido no discurso sobre a democracia de Jair Bolsonaro no período eleitoral de 2022 no *Twitter*, sem interferir nos dados coletados.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa foi de base documental, já que tomamos como *corpus*, os *tweets* de Bolsonaro que tratam sobre democracia, ou seja, se constituem como documentos de primeira mão, aqueles “que não receberam nenhum tratamento analítico” (Gil, 2002, p.46), caso de arquivos públicos e privados como cartas, boletins, ofícios e, nos tempos hodiernos, publicações nas redes sociais.

Analísamos o trajeto temático, no nosso caso, o discurso sobre a democracia. Consideramos que o discurso sobre a democracia acompanha a história política brasileira, se ressignificando em outros construtos discursivos (aqui assume a materialidade dos *tweets*), mas carregando as marcas de outros dizeres já existentes.

Para a análise, utilizamos *tweets* do ex-presidente Jair Bolsonaro, à época, candidato à reeleição. Os *tweets* correspondem ao período da campanha eleitoral de 2022, mais precisamente aos meses de agosto a outubro daquele ano. Assim, montamos um arquivo com 7 (sete) *tweets* para nossa análise. O material foi coletado a partir de uma consulta por aqueles que estivessem circunscritos ao período eleitoral de 2022 e tivessem contido em sua materialidade linguística as palavras democracia e outras de sentido aproximado ou que estivessem sob o guarda-chuva da democracia, caso de liberdade, por exemplo. O *corpus* da pesquisa está organizado em três séries enunciativas. A primeira série enunciativa, intitulada *Democracia e ataques à oposição*, se debruça acerca do discurso sobre democracia de Bolsonaro envolto em ataques exponenciais aos seus principais adversários políticos. A segunda série, referida como *Democracia e a defesa da liberdade*, destaca como o discurso referente à democracia está intimamente relacionado à defesa dos ideais de liberdade, sob diferentes ressignificações. Por fim, a terceira série de enunciados, nomeada *Democracia e patriotismo*, apresenta a relação entre a democracia e o patriotismo, defendida por Bolsonaro no *Twitter*.

Seguindo esta base metodológica, refletimos sobre as condições de possibilidade que permitem a emergência dos discursos sob análise, considerando que todos estão atravessados pela memória discursiva, fazendo evocações a outros discursos já formulados e postos em circulação em diversos momentos, guardadas as devidas particularidades históricas.

Vale destacar que a análise das séries de enunciados está apoiada no método arqueológico dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o qual volta-se para a descrição do discurso com valor de acontecimento no interior dos diferentes jogos de verdade e relações de poder que o atravessam. Ou seja, analisar os discursos em uma perspectiva foucaultiana significa pensá-los a partir de sua inscrição histórica, pondo-se a investigar as condições de possibilidade que levam à emergência e à circulação de determinados discursos no tempo presente.

3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

A Análise do Discurso (AD) emergiu na França, durante um período de efervescência de crises políticas e sociais que também se refletiam na epistemologia em voga. Se até aquele período os estudos linguísticos se baseavam apenas na estrutura textual, com o surgimento da Análise do Discurso começou-se a se articular com outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Nomes como Michel Pêcheux (1938-1983) e Michel Foucault (1936-1984) trouxeram para essa área de pesquisa as ideias de discurso, sujeito e ideologia, por exemplo. Avançando no pensamento acerca da linguagem, o discurso começou a ser visto não apenas como transmissão de informação, tampouco pode-se defender a linearidade dos elementos de comunicação, como o jogo simplório entre locutor e receptor. Segundo Orlandi (2007, p.17), “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a AD é um campo de entremeios, uma vez que a materialidade linguística se junta à história e à ideologia dos sujeitos na plena edificação dos efeitos de sentido. A AD

[...] não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percursos, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2003, p.15).

Nesse ínterim, estudar a AD significa observar atentamente o fluxo interativo constituinte dos sentidos de uma dada materialidade (o texto) a partir da articulação da história e a sociedade, em que está inserido o sujeito (re)produtor/enunciador do discurso. Em outras palavras, a AD reivindica “a prerrogativa de dizer o discurso no batimento com o social, o histórico, o político e o ideológico” (Rodrigues; Xavier, 2019, p.70).

Por conseguinte, podemos atestar que a língua é um trabalho simbólico a serviço da ideologia, a esfera determinante dos sentidos possíveis de um discurso. É ela que estabelece a edificação de um universo imaginário de (efeito de) sentido que se arvora sobre os sujeitos e atravessa a produção dos discursos, recepcionando-os como desprovidos de marcas sócio-históricas (Rodrigues; Xavier, 2019).

Nesta perspectiva, “a análise de discurso parte do princípio de que não há linguagem sem ideologia, portanto, não é possível pensar no sujeito despreendido desta” (Santos *et al.*, 2021, p.89), ou seja, os sujeitos só conseguem atribuir sentidos aos discursos (e não estes que já se apresentam como produto significado em si mesmos) a partir de posições ideológicas, visões/ideais de mundo, compartilhadas entre um determinado grupo de pessoas.

Ainda neste trabalho, destacamos a noção de condição de produção, que pode ser entendida como “o contexto imediato” (Orlandi, 2007, p.30), o contexto sócio-histórico e ideológico presentes na relação entre os sujeitos (re)produtores do discurso e a situação em que ele eclode. Dessa forma, rompe-se com o pensamento saussureano de que a estrutura linguística bastava para a compreensão dos sentidos. É o contexto extralinguístico que determina a confecção/manifestação dos discursos, sem jamais se desvincular de uma dada formação social e estrutura ideológica.

Considerando que não há discurso sem o entrelaçamento com a história, o postulado da memória discursiva (MD) deve ser ressaltado quando desempenhamos a análise discursiva. Nas palavras de Orlandi (2007, p.31), a MD é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Desse modo, podemos afirmar que não existe discurso neutro, pois “as discursividades comportam no seu interior outros discursos que já foram ditos anteriormente ao longo da história, ou seja, a materialidade discursiva se repete e se ressignifica formando outros dizeres, sem perder os aspectos do dizer fundamental” (Silva, 2022, p.13).

É consenso na AD de linha francesa que ninguém é dono de seu próprio discurso: tudo que enunciamos está na base dos discursos de outrem. O dizer pré-construído interpela o interdiscurso, a malha discursiva que irrompe os diversos dizeres ditos por outros sob outras formas e em outros momentos, mas com a mesma materialidade discursiva. Assim, o que fazemos é rememorar o discurso, presentificá-lo na nossa realidade. Nesse prisma, a memória discursiva funciona como método de constituição dos discursos em sintonia com a atualidade que os (re)formula a fim de construir os efeitos de sentido desejados.

3.1 O discurso na perspectiva foucaultiana

Ao refletirmos acerca das contribuições de Michel Foucault no campo da AD, é consenso que desde as suas iniciais pesquisas, desenvolvidas na década de 1960, vislumbrou-se o empenho do filósofo francês em perceber o discurso como objeto de análise. Em Foucault, o discurso como objeto aparece, de início, em sua tese de doutorado que deu origem ao livro *A História da Loucura* (1961).

Segundo Foucault (1986 *apud* Joasilho *et al.*, 2011, p.39), “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou

utilização poderíamos assinalar[...]”. Ainda podemos assinalar, conforme Moura *et al* (2023, p.6), que o discurso “marcado pela história, [...] emerge por meio de condições de possibilidade, ou seja, surge num tempo e num lugar específicos, numa conjunção de saberes que o singulariza como um acontecimento”.

Sendo o discurso composto por enunciados, podemos considerá-lo, numa perspectiva foucaultiana, enquanto unidade/átomo do discurso, se propondo mediante uma posição sócio-histórica dada, marcada pelas regras de formação que legitimam e permitem a erupção do dizer.

A natureza do enunciado é integrada pelas seguintes propriedades³:

- a) referencial - relaciona-se com as leis de possibilidade que permitem o enunciado emergir num dado tempo e lugar e ser descrito e analisado de certa maneira; b) posição de sujeito - diz respeito a uma posição que é assumida no enunciado [...]; c) domínio associado - corresponde ao fato de o enunciado estar relacionado a outros já efetivamente ditos e os que ainda serão produzidos num campo enunciativo; d) materialidade repetível - para que possa existir, o enunciado carece de um lugar, de uma data, de uma substância, de uma superfície ou de um espaço institucional. (Silva, 2022, p.8)

No panorama teórico foucaultiano, pensar em discurso passa necessariamente por falar em poder. Em sua obra, *A ordem do discurso* (1970), o filósofo francês discute sobre os procedimentos de controle e seleção do discurso, levando em conta que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p.8-9).

Na perspectiva foucaultiana, os discursos não são isentos dos jogos de poder que estruturam e organizam a nossa sociedade, mas antes, se movimentam a fim de justificar verdades erguidas historicamente. O autor aponta alguns tipos de procedimentos de exclusão, tais como a interdição, a segregação e a vontade de verdade que ou excluem ou emudecem o sujeito do discurso. O movimento de exclusão discursiva fica nítido quando ele diz que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1996, p.9). O filósofo retoma a ideia de verdade defendida pelos gregos, segundo os quais a “verdade verdadeira” era aquela legitimada pelas instâncias de poder.

Essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (Foucault, 1996, p.17).

A vontade de verdade “é um sistema que se funda naqueles tipos de discursos que funcionam como verdadeiros em detrimento de outros tidos como falsos (Domingos, 2020, p.16). É a configuração social dominante que regula a manifestação dos discursos, permitindo aqueles que são válidos dentro de uma dada formação discursiva e proibindo aqueles que

³ As propriedades aqui relatadas serão descritas na seção seguinte.

destoam dessa mesma formação, exercendo um rígido controle sobre o que circula na sociedade. O pensador francês afirma que

a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura (Foucault, 1996, p.20)

Não há uma verdade absoluta e incontestável, ela é uma construção ligada a sistemas de poder, produzida na sociedade, sempre buscando se constituir como a verdade soberana a partir de coerções, segundo o pensamento foucaultiano, interditando (proibindo a circulação) ou taxando como “loucura” (invalidando) outros discursos que contestem essa vontade de verdade vigente. Cada sociedade, época e grupo possui a sua vontade de verdade na tentativa de se assenhorar do poder através da dominação discursiva (Domingos, 2020). Nesta pesquisa, pretendemos analisar esse confronto de vontades de verdade acerca do(s) sentido(s) de democracia a partir de como são apresentados no discurso de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022, considerando as condições de possibilidade do seu aparecimento nesta formação histórica, bem como o fato do discurso político ser, em sua finalidade, um exercício de poder, como veremos na seção seguinte.

3.2 Das condições de possibilidade do discurso

Ao partir da noção de que o discurso é um lugar de luta permanente, consideramos que o discurso não pode ser visto apenas como um conteúdo representado por um sistema de signos, mas como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (Foucault, 2012, p. 60). Nessa perspectiva, as palavras e as coisas se relacionam de maneira complexa, porque essa relação é histórica, está repleta de construções e interpretações e perpassada por relações de poder. É preciso, então, descrever a dispersão dos acontecimentos discursivos através dos quais, graças aos quais e contra os quais se estabelecem os regimes de verdade (Gregolin, 2007).

Dessa forma, o trabalho do analista do discurso consiste em evidenciar as condições de possibilidade do que se diz e do que se faz dizer numa determinada época ou formação histórica, bem como do que se vê e do que se dá a ver nessa época. Em nossa pesquisa, buscamos mostrar o que torna possível os sentidos dos dizeres do então presidente/candidato acerca da Democracia e a que rede discursiva eles se filiam. Para tanto, aceitamos a proposta de Foucault (2012) de fazer uma análise arqueológica, descrevendo os discursos a partir de seus enunciados, tentando fazer ver as diferentes práticas associadas a eles e os seus efeitos.

Como ressalta em sua *Arqueologia* (2012), esta seria uma análise da emergência dos enunciados como acontecimentos na superfície discursiva e uma tentativa de descrever relações entre enunciados que contemplem a descontinuidade imanente à própria noção de acontecimento. Ele sugere que seria fundamental

[...] descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo [...] (Foucault, 2012, p. 153).

Desse modo, a análise discursiva, para Foucault, deve procurar estabelecer uma lei de raridade, cujo objetivo é de determinar, por meio do enunciado, o sistema singular que permitiu seu aparecimento. Nesse sentido, ao analisarmos o discurso, devemos entendê-lo como

[...] um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência a questão do poder, um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (Foucault, 2012, p. 147-148).

Decorre disso que, para realizar a análise enunciativa, é necessário partir da exterioridade, porque são suas condições de possibilidade, as relações de poder e as lutas políticas que caracterizam a existência e os efeitos dos enunciados. Para Foucault, a análise dos enunciados deve tratá-los na forma sistemática da exterioridade, em suas descontinuidades, mesmo que de forma paradoxal, uma vez que isso não implicaria a existência de uma interioridade, como uma subjetividade fundadora. (Foucault, 2012).

Diante do exposto, devemos considerar as implicações impostas à análise das condições de possibilidade do discurso na perspectiva arqueológica. A primeira implicação desse tipo de análise é a de que o campo dos enunciados não deve ser pensado como uma tradução de algo que ocorre no pensamento das pessoas, mas reconhecido como um espaço de relacionamentos e de transformações sistemáticas. A segunda é a de que o domínio enunciativo não deve tomar como referência um sujeito individual, nem uma subjetividade transcendental, mas ser analisado como “[...] um campo autônomo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes. A terceira implicação é a de que, ao analisar a historicidade das coisas ditas, não devemos buscar sua natureza, ou seja, a história de uma consciência individual e um sistema de intenções, porquanto “[...] ‘não importa quem fala’, mas que aquilo que é dito não é dito de qualquer lugar” (Foucault, 2012, p.139).

Esta condição de existência do enunciado é tratada pelo autor como *função enunciativa*, isto é, o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada e que precisa ser especificada para não ser confundida com outros tipos de relação. Segundo o filósofo, o enunciado não precisa comportar a primeira pessoa para ter um sujeito, nem esse sujeito precisa ser idêntico ao autor do enunciado. O sujeito do enunciado seria uma função vazia, que pode “[...] ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado, porquanto um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos [...]” (Foucault, 2012, p. 113). Para descrever um enunciado, é preciso determinar qual é a posição que pode e deve ser ocupada pelos indivíduos para ser seu sujeito, é preciso ter alguém que, efetivamente, possa afirmar aquilo que é dito no enunciado. Dessa forma, vamos perceber que na materialidade das postagens de Jair Bolsonaro em seu perfil no *Twitter* há a presença, explícita ou não, de outras posições discursivas atravessando o seu lugar de presidente/candidato à reeleição.

Considerar que os sentidos estarão sempre atrelados ao exercício da função enunciativa é assegurar à existência de dado discurso, necessariamente, ao jogo de uma exterioridade (Foucault, 2012), no conjunto das coisas ditas e de suas múltiplas relações. A conjuntura sócio-histórica define o que é permitido dizer e o que não o é. Por isso é importante tratar os enunciados “[...] pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida [...]” (Veiga-Neto, 2003, p. 127).

Para Foucault, a análise enunciativa ainda precisa se dirigir a formas específicas de acúmulo. Nesse sentido, é importante observar que, para analisar os enunciados, é preciso levar em conta a existência de uma memória, de um conjunto de já-ditos. Assim, qualquer sequência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas. Poderia haver um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Então, é preciso selecionar os temas relacionados aos esquecimentos e mostrar qual o modo de existência que caracteriza os enunciados, que estão sempre diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais (Fischer, 2001).

Além disso, a análise discursiva arqueológica considera os enunciados enquanto raridades determinadas pelas suas condições de existência, e atua para problematizá-los e localizar seus efeitos de verdade, questionar sua aparição mostrando, por exemplo, como eles surgem em detrimento de outros que são excluídos, rejeitados e tidos como falsos em determinados momentos e lugares. Nesse sentido, descrever enunciados, e suas possibilidades de existência, é entender como as coisas ditas são acontecimentos que ocorrem em contornos muito específicos “[...] no interior de certa formação discursiva – esse feixe complexo de relações torna possível que certas coisas possam ser ditas e **serem recebidas como verdadeiras**, num certo momento e lugar [...]” (Fischer, 2003, p. 373, grifo do autora).

Ainda para pensarmos as condições de possibilidade do discurso, devemos considerar que Foucault (2012, p. 118) sugere que levemos em conta, nas análises dos enunciados, o fato de existir um domínio associado a eles, uma vez que “[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados [...]”. Esse domínio é constituído

[...] pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...] pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...] pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência natural, ou sua réplica [...] pelo conjunto de formulações cujo status é compartilhado pelo enunciado em questão, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro [...] (Foucault, 2012, p. 119-120,).

Desse modo, segundo Foucault, qualquer enunciado se localiza em um lugar especificado, pois não há enunciado livre, neutro e independente. Eles estão sempre fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando uma função no meio dos outros, apoiando-se ou se distinguindo deles, uma vez que “[...] não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis [...]” (Foucault, 2012, p.121).

Foucault (2012, p. 110) ainda propõe que “[...] é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente [...]” (p. 108). Nesse sentido, um enunciado sempre se relaciona a alguma coisa que Foucault chama de correlato do enunciado e define como “[...] um conjunto de domínios em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas [...]”. O enunciado está ligado, segundo o autor, a um referencial que é constituído

[...] de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são

postas em jogo pelo próprio enunciado: define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade [...] (Foucault, 2012, p. 110-111).

Em síntese, o referencial diz respeito às condições de possibilidades que definem as regras da existência no enunciado. As análises desse referencial permitem, então, a visibilidade das questões que são colocadas em jogo pelo próprio enunciado, conforme veremos nos posts do ex-presidente.

Por fim, é preciso que seja reconhecida uma existência material no enunciado. Nesse sentido, Foucault questiona (2012, p. 121): “[...] Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca, apenas por alguns instantes – em uma memória ou em um espaço? [...]”. O enunciado necessita dessa materialidade, pois ela é constitutiva do próprio enunciado que precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Face ao exposto, reiteramos que a leitura dos enunciados deve ser realizada pela exterioridade, e o que mais importa é estabelecer relações entre eles e o que descrevem na tentativa de compreender os exercícios de poder em jogo nessas relações.

3.3 Discurso político

Segundo o senso comum, a palavra discurso é atrelada às falas (orais ou escritas) de cunho político e religioso. Apesar desse reducionismo, refutado pela AD, o discurso político é um dos mais constantes nas nossas práticas discursivas, não se limitando apenas aos agentes políticos ou candidatos a cargos eletivos, posto que “a política se legitima na fala de cada um de nós” (Pinto, 2006, p.79). Todos nós somos produtores, ou melhor, reprodutores de discursos políticos.

O discurso político é o caminho para construção de uma identidade individual e coletiva político-ideológica e de influência social. A política talvez seja a arena mais explícita das disputas pela primazia de uma verdade. Como aponta Silva (2020, p.44), essa verdade “se manifesta através de uma palavra de persuasão (razão) ou sedução (paixão)”, ou seja, o discurso político “joga” com as palavras e a semiótica, beirando a lógica dos fatos ou inflando cenários favoráveis a serviço da ideologia que almeja ascender soberanamente, que deseja influenciar a sociedade ao máximo.

Pinto (2006, p.80) é assertiva ao questionar: “O que é um discurso político, se não uma repetida tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa?”. A sociedade brasileira é repleta de exemplos que comprovam essa indagação. O fato acontecido em 31 de março de 1964, que instituiu a Ditadura Militar no Brasil, também referida como regime militar por outros, é tratado como golpe militar especialmente por aqueles identificados com a ideologia de esquerda ou que foram vítimas diretas ou indiretas das ações perpetradas pelos governos militares de ocasião. Já para os que se identificam com as pautas de direita e as bandeiras militares, caso do ex- presidente Jair Bolsonaro, sujeito a que nos interessa nesta pesquisa, o fato ocorrido no Brasil de 1964 foi uma revolução, devendo ser celebrada com pompa e honra todos os anos.

Fica nítido que a política é um jogo de máscaras, uma luta de sobrevivência, de disputas ideológicas, de sobreposição de uma verdade. Entretanto, por ser fruto de brigas pela hegemonia, o discurso político é dinâmico e frágil, facilmente substituído por outrem. Com a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023, por exemplo, o discurso sobre a ditadura militar brasileira novamente voltou a condenar o episódio de 1964, considerando-o

como golpe contra nossa democracia, o que não era visto, como vimos, nos anos em que Bolsonaro esteve na presidência da República. “Todo discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico” (Silva, 2020, p. 45). Assim, a política é um jogo pelo poder que é conquistado quando dado discurso, constituído por uma ideologia, alcança a hegemonia social ou adquire força suficiente para se impor.

Sendo assim, o discurso político, instalado, presume-se, num ambiente republicano, é (des)legitimado pela vontade popular. Servindo ao sistema de poder, no discurso político se arvora a binariedade/oposição entre conservador e progressista, direita e esquerda, comunismo e capitalismo que sustenta a permanente luta entre os atores políticos na arena eleitoral.

Na contemporaneidade, as redes/mídias sociais também assumiram grande protagonismo como suporte para os mais variados discursos políticos, desbancando outros suportes convencionais, como a televisão, o jornal impresso e o rádio. Nesse espaço digital, o discurso político assume nova linguagem e estilo, conforme a orientação de quem o produz e o efeito desejado junto ao seu público.

4 DEMOCRACIA

A democracia é um regime político nascido na Grécia Antiga, simbolizada pela Ágora, o espaço público destinado a debates e discussões, que prezava pelos pilares da participação direta da população (referendos, plebiscitos etc) e de sua representação através do voto popular, sob a máxima de que “todo poder emana do povo”. Alastrada pelo mundo, a democracia brasileira começou a tomar forma como a conhecemos hoje a partir da Proclamação da República em 1889, num golpe militar que pôs fim à Monarquia.

Ao longo do tempo, nossa democracia passou por inúmeros testes: sobreviveu a regimes autoritários, *impeachments* de presidentes, variadas mudanças de governo. Na década de 1980, assim como muitos países latino-americanos, o Brasil se desvencilhou de duas décadas de ditadura militar, promulgando, em 1988, a Constituição Cidadã, atual Carta Magna da nação, restituindo nosso Estado Democrático de Direito, com avanços de direitos e garantias individuais. Todavia, os efeitos da globalização, o escancaramento de casos de corrupção e sucessivas crises econômicas “reforçam propostas de viés autocráticos que questionam o próprio formato das sociedades e regimes democráticos” (Azevedo; Lourenço, 2022, p. 18) em diversos países, como no Brasil.

Esse cenário faz com que a percepção geral seja que o autoritarismo esteja em ascensão e a democracia em declínio, se não muito, levemente colocada de lado. O resultado disto é a elevação de lideranças com tendências variadas, seja de esquerda ou de direita, mas que comungam da mesma fonte: a lapidação da estrutura democrática. Tais figuras políticas fazem uso da própria democracia, através do voto popular, para chegarem ao poder e daí empreenderem seus esforços de cooptação de órgãos e instituições outrora independentes, o silenciamento ou “compra” dos demais poderes (Legislativo e Judiciário), críticas/perseguições contra imprensa livre e opositores vocais, agindo a serviço da destruição/erosão da democracia, numa espécie de efeito “cupim”. Conforme Prior (2019, p.124 *apud* Seibt; Dannenberg (2021, p.4), “a crise das democracias representativas favorece o discurso simplista sobre a realidade social, baseando-se na vontade popular para alcançar o poder e para combater um inimigo do povo, geralmente identificado com a elite”.

Silva (2020, p. 61) aponta que “o que se observa no Brasil atual são inúmeros grupos sociais raivosos, intolerantes, infantilizados, que cada vez mais preferem o grito ao argumento, a imposição ao debate”. Fica claro que o papel do diálogo, coração da

democracia, é destruído por aqueles que, movidos pela pretensa liberdade de expressão, agridem o sistema democrático brasileiro.

O processo de erosão democrática, que também acomete o Brasil, desencadeia num cenário em que a ascensão de líderes políticos populistas, sob a máxima “o povo sou eu”, utiliza da pretensa insatisfação popular para reagir contra o Estado, suas instituições e freios e contrapesos típicos da democracia representativa e liberal. Desse modo, como apontam Filho; Diógenes; Góes (2021), a subversão da ordem democrática de um país, nos tempos hodiernos, não acontece por meio de golpes de Estado ou intervenções militares (apesar de que em países africanos, por exemplo, esse modelo ainda acontece), mas sim através da alteração, lenta e sutil, dos processos e mecanismos democráticos, como a cooptação de poderes e instâncias fiscalizadoras do poder executivo. Aventuras políticas populistas também alimentam um espírito de polarização na sociedade na medida em que estimulam o “nós ou eles”, “direita ou esquerda”, “fascista ou comunista”, simplificando questões sociais complexas a esse jogo de farpas ideológicas.

Vale destacar também o peso das redes sociais nesta equação. Em 2013, foram as redes sociais, ainda no advento da internet, que congregaram os manifestantes das chamadas Jornadas de junho, que despertou multidões contra o aumento das tarifas de ônibus, mas que uniram outras pautas como a denúncia contra a corrupção nos poderes públicos, servindo de lastro para os acontecimentos que surgiram no país nos anos seguintes. Hoje, as redes sociais se tornaram palco para as ofensas e críticas mais veementes contra a democracia brasileira, como também para conclamação de atos golpistas e claramente antidemocráticos realizados desde meados de 2019 e que culminaram na invasão e depredação das sedes dos Três Poderes em Brasília, no fatídico 8 de janeiro de 2023. Fica nítido, portanto, que as redes sociais, atualmente, se constituem como uma espécie de “nova ágora”, ao passo que tomam a primazia do debate público, antes monopólio dos grandes conglomerados de mídia, servindo de esteio para lideranças políticas também construir sua imagem e atrair eleitores, utilizando-se, muitas vezes, da desinformação e de ataques aos adversários.

5 O GÊNERO *TWEET* E SUA RELAÇÃO COM BOLSONARO

Os gêneros textuais digitais são reflexo das mudanças sociais a partir do avanço acentuado da tecnologia. Como bem aponta Silva (2013, p.30), “se as práticas sociais mudam, os gêneros também mudam, pois eles [os gêneros] são plásticos e maleáveis, passíveis de contínuas transformações”. Essa afirmação fica mais nítida em nossa prática comunicativa se observarmos, por exemplo, o desuso da carta pessoal em detrimento de outros gêneros que surgiram a tiracolo das novas tecnologias como o e-mail, e mais recentemente, as mensagens de *WhatsApp*, ou ainda, o esquecimento do diário pessoal para a migração desses registros nos *blogs* e no *Twitter* (hoje X). Esses gêneros possuem suas particularidades, mas compartilham, por exemplo, a natureza multissemiótica, ou seja, dialogam com outros gêneros que também circulam na internet, a partir de links, imagens, áudios entre outros aspectos.

Tomando as contribuições dos estudos sobre gêneros textuais, Azevedo *et al* (2021, p.1134) pontuam que “esses enunciados materializam-se a partir de três pilares: conteúdo (temático), estilo da linguagem e construção composicional”. Dessa maneira, os gêneros textuais assumem especificidades, seja no plano temático que podem abordar sob sua alçada, os estilos de construção textual possíveis e sua estrutura/composição.

Considerando tal panorama, o gênero *tweet* possui um estilo aberto, sem regras previamente fixadas, a depender de quem fala/produz. Obviamente, populares podem fazer uso de expressões mais simples, como abreviações e gírias sem maiores julgamentos. Mas como o *Twitter*, que serve como suporte dos *tweets*, é também uma rede social utilizada por

peças de destaque, com cargos públicos, por exemplo, é convencional que essas pessoas façam uso da norma culta da língua, evitando construções frasais que destoam da liturgia do cargo que ocupam. Da mesma forma, os conteúdos a serem abordados nos *tweets* são baseados exclusivamente pelos interesses do usuário. Já a construção composicional traz um limite de 280 caracteres, mas permite a inclusão de imagens, *links* e *hashtags*, por exemplo, para além do texto escrito.

Apesar dessa flexibilidade,

a estrutura do gênero tweet também é caracterizada por aspectos fixos, a saber, a foto do perfil, o apelido do usuário e o user introduzido pelo símbolo @ - acima do corpo do tweet-, além do horário, data e sistema/dispositivo de publicação, seguido pelos botões de interação - na parte inferior do tweet (Azevedo *et al*, 2021, p.1138- 1139).

Segundo Silva (2013, p.59), “o grande diferencial do *Twitter* é possibilitar a criação de uma rede intrincada de interesses por meio de seguidos e seguidores, típico de uma rede social de relacionamentos, em que os usuários-interatores compartilham informações entre si de uma forma muito mais visível do que nos blogs”. O *Twitter* cresceu com o avanço da internet e a popularização das redes sociais no mundo todo. Servindo como uma espécie de diário virtual (ou blog pessoal), os tweets se tornaram meios de expressão dos gostos, anseios e até revoltas dos seus usuários sobre variados assuntos/episódios. Como apontam Santos *et al* (2020, p.66), “o *Twitter* é uma rede social com repercussão de assuntos que predominam na cobertura dos meios de comunicação tradicionais”. Por exemplo, enquanto um programa de TV ou novela são exibidos, fervilham comentários sobre essas produções nos famosos *trend topics* do *Twitter*. Mas nem sempre foi assim. Antes de direcionar os algoritmos para satisfazer os interesses dos usuários, o *Twitter* procurava fazer o registro de situações corriqueiras (ao estilo do diário pessoal) e informar sobre os acontecimentos do momento.

Sendo assim, o *Twitter* logo foi visto também por agentes políticos brasileiros, no nosso caso, Jair Bolsonaro, como uma plataforma para pautar discussões a eles pertinentes. Se estrutura assim um espetáculo midiático, com a presença da mídia digital, um personagem político que controla a pauta e a plateia, normalmente engajada e adepta às ideologias dessa figura política em questão. O comportamento do ex-presidente Bolsonaro no *Twitter* se constrói pelo uso de uma linguagem direta (mediante o uso do chamado “internetês”, o dialeto da internet), que o aproxima do público cativo, além da seleção de temas de recorrente insatisfação popular como o discurso anticorrupção e questões econômicas, que o auxiliam na construção de sua própria formação discursiva, compartilhada pelos seus seguidores (Seibt; Dannenberg, 2021).

Jair Bolsonaro foi deputado federal por sete mandatos consecutivos, mas sem apresentar ou relatar projetos de relevância para o país. Envolto em declarações e atitudes polêmicas, foi uma figura escanteada pela mídia tradicional brasileira, talvez na pretensa crença de que assim ele iria submergir em sua carreira política. Com o surgimento das redes sociais, em especial o *Twitter*, figuras como Bolsonaro foram “acolhidas” nesses espaços virtuais, encontrando liberdade para falar sobre assuntos do seu agrado e angariar um público fiel e adepto de suas colocações. Por uma eventualidade, diante da facada sofrida durante a campanha presidencial de 2018, Jair Bolsonaro transferiu toda sua estratégia de campanha para as redes sociais, uma vez que, por razões de saúde e segurança, estava impossibilitado de participar de atividades presenciais, corpo a corpo.

Uma vez eleito, Bolsonaro continuou fazendo uso sistemático do *Twitter* para fazer seu contato com o público, anunciar medidas de governo, defender os seus e a si mesmo e atacar

adversários, instituições e a democracia, quando acreditava que esta não lhe convinha. É digno de nota que o uso massivo desta rede pelo candidato/ex-presidente motivou a escolha deste suporte como *locus* para a presente pesquisa.

6 ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* da pesquisa é formado por publicações no *Twitter* (atual X) do ex-presidente da República Jair Bolsonaro no período que compreende a campanha eleitoral de 2022 e está dividido em três séries enunciativas. Serão analisadas as publicações que circundam o eixo temático da democracia, observando as condições de possibilidade e as vontades de verdade manifestadas em tais dizeres.

- *SÉRIE ENUNCIATIVA: DEMOCRACIA E ATAQUES À OPOSIÇÃO*

- **Figura 1** - Promiscuidade do jogo democrático



Fonte: *Twitter* (2022)

A publicação acima destacada, publicada no dia 30 de setembro de 2022, às vésperas do primeiro turno da eleição presidencial daquele ano, traz uma afirmativa de Jair Bolsonaro em que ele rechaça o “velho teatro que condenou o nosso país a décadas de fracasso”, nitidamente fazendo referência às políticas adotadas pelos governos do PT, a quem ele se opõe, mas também ao PSDB, simbolizado pela citação a Geraldo Alckmin, e que governou o país nos anos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Ainda neste mesmo enunciado, o então presidente candidato se vangloria por ter acabado com o que ele chama de “promiscuidade disfarçada de jogo democrático”, possivelmente fazendo memória à união entre o então candidato presidencial Luiz Inácio Lula

da Silva e Geraldo Alckmin⁴ (um dos mais antigos e proeminentes quadros do PSDB, que rivalizou com o PT em muitos pleitos) na composição da chapa que sairia vencedora das urnas naquele pleito. Portanto, é importante perceber que a condição que potencializou a emergência do enunciado sob escrutínio foi a aliança entre Lula e Alckmin, duas figuras políticas relevantes para os seus partidos (PT e PSDB, respectivamente), que segundo a perspectiva de Bolsonaro, representam a velha guarda da política brasileira. Essa oposição entre Lula e Bolsonaro e o que cada um deles representa politicamente ativa outros enunciados já proferidos anteriormente pelo próprio ex-presidente e seus apoiadores, agora incluindo Alckmin como mais um representante dessa suposta “velha” política a ser combatida por ter se aliado ao candidato petista, pois a memória discursiva trabalha com as lacunas e os dismantelamentos das regularidades discursivas que se instauram e desconstroem à medida que os discursos são resgatados/ressignificados no momento em que emergem (Camargo, 2019).

Há que se notar também a aproximação que se faz entre democracia (apresentada linguisticamente no enunciado como jogo democrático) e promiscuidade. Ao tratar a aliança entre Lula e Alckmin como promiscuidade política, o sujeito enunciator credita à democracia o lugar de disfarce, fachada para oportunizar a manutenção de tais figuras políticas de proa no PT e PSDB, especialmente, que rivalizaram e revezaram o comando do Palácio do Planalto durante as eleições presidenciais pré-2018. Assim, o que Bolsonaro enuncia a seus eleitores se inscreve em um regime de verdade que produz certos sentidos como o de que a “velha política” tem condenado o Brasil ao fracasso.

Evidenciar as estratégias discursivas presentes neste enunciado passa, especialmente, pela análise do léxico empregado. A desqualificação da oposição (título desta série enunciativa) se dá, por exemplo, nas escolhas vocabulares para se referir a Lula, candidato do PT: *bandido*, *hiena*. Ao lado disso, o olhar de escárnio para a característica física da falta de um dedo de seu opositor. Somado a isto, o tom de ofensa/desqualificação da oposição se materializa ainda nos jogos de sentidos que entrelaçam política e sexualidade: Alckmin teria uma paixão enrustida por Lula, amaria o “bandido” em segredo.

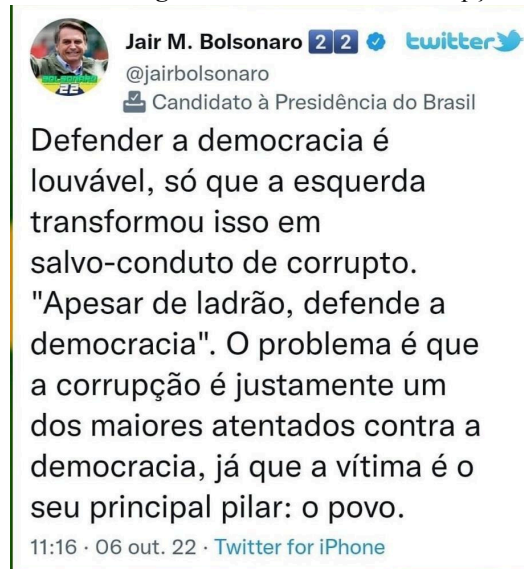
A derivação de sentidos desse conjunto de elementos, da ordem da língua, mobilizados: *promiscuidade*, *assumir*, *paixão reprimida*, *amor bandido*, passa a inscrever a relação Lula-Alckmin no campo da sexualidade. Esta estratégia enunciativa atua, discursivamente, desqualificando a posição dos dois adversários, cuja aliança política se assemelha a um relacionamento amoroso desajustado. Assim, emerge um sentido de democracia que seria sinônimo de desordem, tal qual uma relação promíscua. Na perspectiva de uma análise discursiva arqueológica precisamos observar, pelas condições de existência do enunciado, seus efeitos de verdade. Ou seja, o modo como ele surge em detrimento de outros que são excluídos, rejeitados e tidos como falsos em determinados momentos. Isso se materializa, na sequência em análise, no uso assertivo da primeira pessoa verbal: “Eu acabei”; “Eu fiz”. Aqui, o posicionamento discursivo autorreferente do sujeito atua para elevá-lo à condição de protagonista da cena política, que desnuda as artimanhas de políticos oportunistas/promíscuos.

Nessa direção, Bolsonaro se apresenta como um personagem diferente, a novidade/renovação na política brasileira (apesar de seus 27 anos como Deputado Federal) tal como em 2018, desejada pela maioria dos eleitores naquele pleito, o único capaz de salvar o país dessa suposta “promiscuidade” política. Além disso, ao se considerar responsável pela união de figuras políticas antes adversárias, mas que segundo ele, nutriam uma “paixão reprimida”, Bolsonaro parece desconhecer que a natureza da política são as alianças que se

⁴ Para compor a chapa presidencial com Lula em 2022, Alckmin se desfilou do PSDB e se filiou ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), histórico aliado do PT e da centro-esquerda.

fazem em torno de projetos, reunindo, muitas vezes, outrora adversários, mas não inimigos. Enfim, quando descrevemos as condições de existência dos discursos, entendemos como as coisas ditas são acontecimentos que ocorrem em contornos muito específicos.

• **Figura 2 - Democracia e corrupção**



Fonte: *Twitter* (2022)

Uma das principais bandeiras da campanha vitoriosa de Jair Bolsonaro em 2018 foi a anticorrupção. Simbolizada pela adesão de Sérgio Moro⁵, ex-juiz da Lava-Jato, ao governo eleito naquele pleito, Bolsonaro se contrapunha aos escândalos de corrupção que levaram empresas e políticos aos holofotes da Justiça e da mídia.

Neste segundo enunciado, Bolsonaro retoma o discurso anticorrupção, que na prática foi pouco efetivo em seu governo, para questionar a candidatura de Lula (PT), a quem se refere como “ladrão”, argumentando que a corrupção, simbolizada pelo candidato petista, é um dos maiores males que afetam a democracia brasileira. Tal discurso é uma confirmação de uma crença, um tanto equivocada, de que basta combater a corrupção no país para se ter uma democracia forte e vibrante, desconsiderando outros tantos fatores que determinam o bom desempenho do regime democrático. Portanto, é de grande relevância compreendermos que uma das condições de possibilidade deste discurso é justamente a rivalidade entre Lula e Bolsonaro a partir daquilo que, para cada um deles, o adversário carrega como negativo e que pode/deve ser explorado politicamente: enquanto o candidato petista se apresenta como o defensor da democracia brasileira para se contrapor a Bolsonaro (constantemente taxado pela esquerda como antidemocrático), este último se apossa da bandeira da anticorrupção (de forte apelo popular) para atacar o opositor. Além disso, tais enunciados foram possibilitados pela crise política alavancada com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016, a emergência do discurso da anticorrupção que associava a figura do Partido dos Trabalhadores (PT) a toda origem dos escândalos políticos à época e a ascensão de políticos

⁵ Ex- juiz da Lava-Jato. Abandonou a magistratura em 2018 para assumir o Ministério da Justiça e Segurança Pública no governo de Jair Bolsonaro, deixando o posto em meados de 2020. Atualmente, é Senador pelo Paraná.

autodenominados “outsiders”, supostamente capazes de salvar o Brasil da crise política e econômica em que se encontrava.

Diante do exposto, concordamos, ao analisar a historicidade das coisas ditas nas postagens do então presidente, que não devemos buscar sua natureza, ou seja, a história de uma consciência individual e um sistema de intenções, mas percebermos que os sentidos estarão sempre atrelados ao exercício de uma função enunciativa. Desse modo, “[...] ‘não importa quem fala’, mas que aquilo que é dito não é dito de qualquer lugar” (Foucault, 2012, p.139). Ou seja, a ideia fácil de combate à corrupção como sinônimo de democracia é repetidamente retomada, principalmente, nos discursos mais alinhados à direita do espectro político. O seu atravessamento no post em análise assegura a relação do discurso a uma exterioridade (Foucault, 2012). Isto é, Bolsonaro, através de seu perfil no *Twitter*, enuncia a presença, explícita ou não, de outras posições discursivas constituindo o seu lugar de presidente/candidato à reeleição.

Desse modo, observamos ainda que o sentido de democracia identificado neste enunciado está intrinsecamente ligado à ideia de povo, colocada pelo sujeito enunciativo como “principal pilar” da democracia e “vítima” da corrupção. Assim, aciona a máxima de que “todo poder emana do povo”, presente na Constituição Federal de 1988 e adotada pela formação discursiva do bolsonarismo. Semanticamente, o povo expressa a noção de coletividade e é costumeiramente utilizado por Bolsonaro para legitimar as ações adotadas e defendidas pelo seu governo, findo em 2022. Trata-se também de uma posição seletiva do enunciativo, ao considerar o povo como apenas aquela parcela da sociedade que elegeu Bolsonaro em 2018, comunga e defende as suas bandeiras e apoiou a sua reeleição em 2022. Vê-se, portanto, o funcionamento da função enunciativa (Foucault, 2012), isto é, as posições que o sujeito ocupa ao enunciar, ou seja, a forma de relacionamento de seus dizeres com a exterioridade.

Irrrompe-se, portanto, a vontade da verdade acerca da ideia de povo, posta na maquinaria do poder, que legitima as verdades que convém a quem detém esse poder de dizê-las para quem e como aprovar (Foucault, 1996), no caso em questão, Bolsonaro. É fato que a democracia, mesmo em sistemas representativos como o nosso, pressupõe a participação popular efetiva, quer seja na escolha dos seus representantes, como também nos movimentos e ações reivindicatórias por melhorias sociais. Mas não é o único bastião da democracia. O Estado Democrático de Direito só é possível com as garantias dadas pela Constituição Federal e o pleno funcionamento dos Três Poderes da República e demais instituições.

O discurso “apesar de ladrão, defende a democracia” é apregoadado nas bases bolsonaristas como sendo a concessão defendida pela esquerda política para a candidatura de Lula, que contou, segundo a formação ideológica do bolsonarismo, com a colaboração do Supremo Tribunal Federal (STF), que anulou as condenações do líder petista para derrotar Bolsonaro em 2022. Desse modo, a leitura do enunciado/post nos apresenta um sentido dicotômico em torno da noção de democracia: enquanto para o sujeito que enuncia remeteria a povo, para seus adversários políticos (a esquerda), democracia seria sinônimo de corrupção.

Tal como na Figura 1, o sujeito enunciativo não se refere a Lula nominalmente, mas utiliza de adjetivos e expressões pejorativas para fazer referência ao atual presidente da República (hiena de nove dedos, corrupto, ladrão). Trata-se de uma estratégia discursiva, se considerarmos o discurso político como marcado pelas expectativas e ideologia do público eleitor e o estilo de comunicação adotado por Bolsonaro, baseado na vociferação contra os opositores, especialmente nos discursos veiculados nas redes sociais (Santos *et al.*, 2020). A ode à virulência contra seus opositores é uma regularidade enunciativa nos discursos do ex-presidente, como podemos observar nos enunciados que formam esta série.

Outro aspecto que merece destaque nesta série enunciativa é a presença da memória discursiva mobilizada nos dois enunciados analisados, que retomam discursos presentes na campanha vitoriosa de Bolsonaro em 2018: o discurso de mudança e novidade na cena política brasileira (expresso na Figura 1) e o discurso de combate à corrupção, colocado como calcanhar de Aquiles do PT (presente na Figura 2). Dessa maneira, percebemos que, como aponta Silva (2022, p.13), “as discursividades comportam no seu interior outros discursos que já foram ditos anteriormente ao longo da história”, ou seja, há repetição dos discursos ao mesmo tempo em que estes são ressignificados no ditar das épocas em que eclodem, mas sem perder traços daquele dizer fundamental. Esse conjunto de já-ditos mostra-nos também que o sujeito que enuncia possui diferentes posições enunciativas (candidato da renovação política e combatente da corrupção) para discursos que partem de um mesmo eixo temático, revelando que o resgate dessas discursividades instaura um regime de verdade que foi aceito (convenceu) a muitos brasileiros/eleitores em 2018 e agora, em 2022, foi reatualizado para o mesmo intento.

- *SÉRIE ENUNCIATIVA: DEMOCRACIA E A DEFESA DA LIBERDADE*

- **Figura 3 - Apoio de Trump**



Fonte: *Twitter* (2022)

Este terceiro enunciado apresenta um agradecimento de Jair Bolsonaro a um vídeo do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, em que ele declara apoio à reeleição do então mandatário brasileiro, sendo, então, o acontecimento da realidade social que permitiu a ocorrência deste discurso. A afinidade ideológica intensa entre Trump e Bolsonaro e o ideal dos EUA como nação exemplar permeou todo o mandato de Bolsonaro, que só arrefeceu com a eleição e posse do democrata Joe Biden em 2021, evidenciando, portanto, a regularidade discursiva presente neste tipo de enunciado.

No enunciado em análise, Bolsonaro parece desconhecer a representatividade institucional dos EUA, uma vez que, em 2022, Trump já não era mais presidente, logo, não representava a nação americana. O vídeo em questão, portanto, se tratava de um aliado ideológico externo, que servia de inspiração para a postura política do ex-presidente brasileiro. Bolsonaro ainda se utiliza do apoio explicitado por Trump para se contrapor ao

petismo, tomando para si o que chama de “apoio de nações democráticas” (no caso em vista, os EUA, mas poderíamos também incluir Israel) e rechaçando o apoio outrora dado aos candidatos do PT por “ditaduras socialistas”, principalmente Cuba e Venezuela, uma regularidade discursiva do bolsonarismo no que tange às relações internacionais e que aciona a memória do anticomunismo instaurada no país momentos antes do golpe civil-militar de 1964.

A interdição como procedimento de controle/exclusão do discurso é apontada por Foucault (1996) sob a máxima de que “não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p.9). Desse modo, no enunciado em questão, ao dizer que a esquerda era apoiada por ditaduras socialistas, silencia-se (interdita) que seu governo/o próprio Bolsonaro são simpáticos a nações cujos regimes estão distantes de serem democráticos, como Rússia, Hungria e Arábia Saudita.

O sujeito enunciator liga os governos do PT (Lula e Dilma) a ditaduras socialistas como sendo apenas este tipo de relação internacional estabelecido pelos governos petistas. Torna-se, portanto, um artifício/estratégia discursiva para se contrapor ao chamado lulopetismo, enquanto que apenas ele estaria, de fato, estabelecendo relações com países genuinamente democráticos. Sob este prisma, constatamos a validade do pensamento foucaultiano de que não há verdade absoluta, mas que estas “não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento” (Foucault, 1996, p.14), servindo, neste caso, para colher resultados eleitorais no pleito que se avizinhava.

Deste fito, o sentido de democracia erguido neste enunciado está atrelado à perspectiva democrática compartilhada por diversas lideranças de extrema-direita ou da direita convencional que consideram a democracia como o regime político baseado no liberalismo econômico e na total liberdade dos cidadãos em oposição à ditadura comunista. O sujeito enunciator ainda se orgulha pelo “trabalho por um Brasil mais seguro e mais livre” reconhecido “pelo mundo todo”. Aqui, mais uma vez, Bolsonaro traz à tona duas marcas recorrentes em seu discurso político: a segurança/combate à criminalidade e a defesa da liberdade como credenciais que valorizam o Brasil na comunidade internacional, notadamente em países governados por líderes que mantinham afinidade ideológica com o então presidente brasileiro.

É importante frisar que o ex-presidente mobiliza os sentidos de democracia e liberdade a partir dos seus interesses e formação ideológica a respeito, portanto, conduzindo a vontade de verdade, pois controla a circulação, o próprio dizer, o modo e a quem este seu enunciado vai chegar, notadamente seu público formado por eleitores e simpatizantes que compartilham dos mesmos ideais/visões de mundo. Ao apresentar o apoio externalizado por Donald Trump, o sujeito enunciator também procura construir uma imagem de solidariedade internacional, erguida através de afinidades ideológicas, quebrando o estigma de “pária” acoplada ao Brasil nos anos do governo Bolsonaro, principalmente pela não adesão às políticas de preservação ambiental defendidas por muitos países.

Dessa maneira, Bolsonaro se coloca como o candidato que representa a democracia liberal, a defesa ferrenha dos ideais de liberdade (principalmente a liberdade de expressão), marca recorrente em seus discursos que permeiam o bojo da democracia, e que encontra ecos nos diversos governos e líderes de extrema-direita mundo afora. Podemos, por fim, verificar na análise do enunciado 3, que o discurso, nos mostra Foucault (2012), desde seu aparecimento coloca em evidência a questão do poder, pois é, antes de tudo o objeto de lutas políticas.

• **Figura 4 - Bolsonaro e STF**



Fonte: *Twitter* (2022)

Neste quarto enunciado sob escrutínio, o então presidente-candidato Jair Bolsonaro apresenta algumas promessas (uma espécie de pacto com a sociedade) a serem cumpridas se reeleito. Em sua toada referente ao Supremo Tribunal Federal (STF), a quem rivalizou ao longo de seu mandato, Bolsonaro se compromete a “indicar ministros comprometidos com a Proteção da Vida desde a concepção e a Liberdade”, ou seja, ministros que tenham uma opinião contrária ao aborto e que garantam todas as liberdades possíveis (com exceção, por exemplo, da liberdade das mulheres e da comunidade LGBTQIAP+), mesmo quando estas se contraponham ao direito coletivo, que foi a queixa mais frequente de Bolsonaro às decisões dos ministros do STF. As semelhanças estruturais deste enunciado com uma espécie de pacto têm sua razão de ser, pois em agosto de 2022, intelectuais, artistas, políticos e indivíduos das mais diversas esferas da sociedade civil, assinaram e divulgaram uma carta/manifesto em defesa da democracia nas arcadas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), aos moldes do que semelhantemente havia sido realizado nos tempos da ditadura militar. Esse acontecimento da realidade social pode ser considerado como uma condição que possibilitou este enunciado, pois o sujeito enunciador se sentiu alvo, ainda que indiretamente, dessa ação civil em 2022. Aqui, portanto, podemos observar a oposição a este enunciado da carta da USP, pois todos enunciado está dentro de um domínio associado, por onde se instaura um “conjunto das formulações a que o enunciado se refere seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas (...)” (Foucault, 2012, p.119-120).

O sujeito enunciador eleva as convicções ideológicas como crivo importante para as indicações ao STF, quando a Constituição Federal de 1988 preconiza o notável saber jurídico e a conduta ilibada como algumas das condições necessárias para indicações à Suprema Corte do Brasil. Este discurso encontra eco quando da indicação de André Mendonça ao STF. Para além das condições constitucionais, importava ao então presidente Bolsonaro indicar um ministro “terrivelmente evangélico”, isto é, que tomasse decisões à luz de suas crenças pessoais, sob o prisma da religião evangélica, num claro aceno a esse grupo. Percebemos, desse modo, como aponta Silva (2022, p.14), que “a memória discursiva será capaz de ativar na história outros momentos em que um determinado discurso já foi proferido” e, como faz o sujeito do enunciado, moldar esse discurso na atualidade em que discursiviza, pois todo enunciado reclama um outro, dentro de um campo de coexistências, onde os efeitos de sentidos também são estabelecidos (Foucault, 2012).

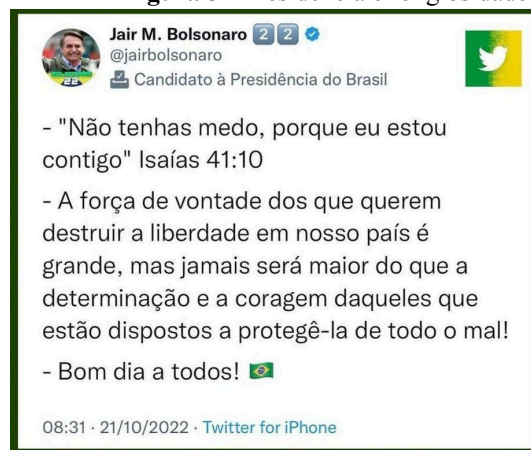
Ainda nesta publicação, Bolsonaro comenta sobre o respeito à independência entre os poderes da República e a Constituição Federal. O então presidente sempre questionava a violação da harmonia entre os poderes constituídos, especialmente quando decisões do STF, por exemplo, anulavam medidas adotadas por seu governo, muitas vezes, afrontosas à Constituição de 1988. Vale ressaltar, por exemplo, que foi o STF que destinou aos estados e municípios a autoridade para adoção de medidas de combate à pandemia de Covid-19 em detrimento da inação do Governo Federal, e também foi este mesmo tribunal que avançou em investigações que atingiram muitos aliados do então presidente da República, casos que

inflamaram a relação entre os dois poderes. Há que se destacar que todos esses elementos retomados integram as condições de possibilidade do enunciado sob análise, visto que o discurso emerge a partir de uma teia de episódios de cunho histórico-social e está sempre envolto numa série ou conjunto de enunciados por meio dos quais se alicerça, retoma, reformula ou anula, a partir do estabelecimento da verdade que se deseja (Foucault, 2012).

Dessa maneira, o sentido de democracia expresso nos dizeres sob análise está atrelado à maneira como o sujeito enunciador entende a formação e a atuação do STF. Assim, indicações por caráter ideológico assumem maior peso do que as condições dadas pela Constituição e o espaço de atuação dos ministros não pode atingir os demais poderes, por supostamente infringir a independência entre eles. Trata-se de uma estratégia discursiva compartilhada entre os líderes com tendências autocráticas, à esquerda ou à direita, que na verdade esconde o desejo de cooptar essas instituições (no caso, o Judiciário), uma vez que estas “podem servir aos objetivos do aspirante a ditador, protegendo o governo de investigações e processos criminais que possam levar ao seu afastamento do poder” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p.81). Daí, podemos compreender a promessa de Bolsonaro de “não ampliar o número de ministros do Supremo Tribunal Federal” como uma tentativa de silenciar os sentidos ligados a esse desejo de viés autoritário.

Por fim, percebemos a complexidade da construção discursiva, pois as palavras e as coisas a que se referem estão permeadas pela história e pelas relações de poder. É dessa natureza de dispersão dos acontecimentos discursivos, por onde são estabelecidos os regimes de verdade (Gregolin, 2007), que podemos observar a edificação do sentido de democracia no enunciado analisado. O seu aparecimento, como resposta aos que enxergavam a reeleição do então presidente como um perigo para as balizas democráticas, evidencia uma verdade de que a democracia pressupõe o respeito pela liberdade, a independência entre os poderes e a Constituição Federal, que seriam respeitados pelo sujeito enunciador, mas que também esconde um tom de cobrança, especialmente ao STF, para que fizesse o mesmo.

● **Figura 5 - Presidência e religiosidade**



Fonte: Twitter (2022)

Neste terceiro enunciado da série, Bolsonaro se arvora do discurso religioso (citação a Isaías, profeta do Antigo Testamento), tônica presente em suas campanhas eleitorais, para se apresentar como o candidato que possui uma missão divina: imbuído de coragem e destemor, impedir que as “forças do mal” (o PT, principalmente) destruam a liberdade no Brasil. Vê-se que se trata de uma estratégia discursiva que vai ao encontro do seu público eleitor, especialmente de cunho evangélico, numa espécie de mensagem motivacional, típica das que circulam em grupos de *WhatsApp* formados por familiares ou amigos.

O discurso religioso cristão está presente no discurso político de Bolsonaro desde a campanha eleitoral de 2018. A citação bíblica de João 8, 32: “*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”, se tornou um discurso comum na formação discursiva do bolsonarismo, sinalizando, muitas vezes, que Bolsonaro, pela vontade de fazer o bem e de combater a desonestidade, faria o Brasil uma grande nação, libertando-a de um passado de máculas e erros. Também temos o lema da campanha de 2018: “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”, denotando o patriotismo e a fé em Deus, num país majoritariamente cristão, como sustentáculos de seu projeto eleitoral.

Novamente, a ideia de liberdade, um dos princípios democráticos, é trazida/entendida por Bolsonaro em sua cruzada discursiva como um bem maior, a quem se deve despende de todas as formas para sua proteção. Desse modo, se acentua a dualidade entre bem e mal, marca do discurso religioso, que é transportada para o discurso político do sujeito enunciativo, evidenciando os contrastes: enquanto o bem procura proteger a liberdade, o mal busca destruí-la; enquanto Bolsonaro e seus eleitores (também evangélicos) se colocam como os protetores da liberdade, o PT, Lula e aliados podem ser vistos como as “forças do mal”; os supostos detratores da liberdade agiriam por força de vontade, enquanto que Bolsonaro e os seus atuam com determinação e coragem dadas por Deus. Esse jogo de oposições, similar ao combate entre heróis e vilões, edifica uma espécie de missão divina no imaginário das pessoas, cultivando a polarização política dos “nós” e “eles”.

Além disso, este enunciado em análise constitui parte do domínio associado em que se inscreve o discurso religioso presente na formação discursiva do bolsonarismo, posto que está relacionado a enunciados anteriores e posteriores, mantendo uma relação temática, lexical, estrutural, como uma constelação discursiva. Isto significa dizer que o discurso em questão é compartilhado, reatualizado e dito por outros tantos sujeitos, de modo que não podemos afirmar que ele seja novo ou original, mas que reclama outros já-ditos e que atende ao desejo e ao poder que instituem uma vontade de verdade. Desde a campanha eleitoral de 2018, para não irmos muito longe, Bolsonaro, lideranças políticas conservadoras e evangélicas, principalmente, já enunciavam discursos colocando em simbiose política e religião, levando os combates da esfera político-eleitoral à arena da fé e conseguindo mobilizar os sentimentos de grande parcela da população brasileira, que vale repetir, é, em sua maioria, cristã. Portanto, a adesão ao discurso religioso de cunho evangélico entre a sociedade brasileira possibilitou a emergência do discurso ora analisado.

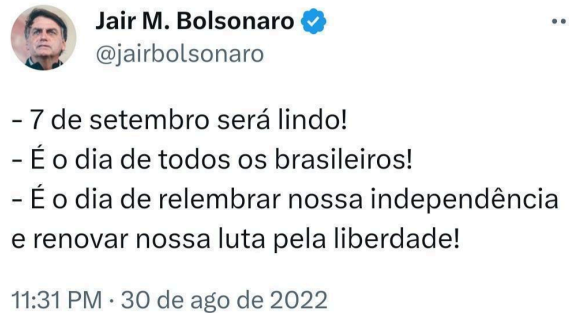
Como podemos verificar, nesta série enunciativa, os enunciados analisados, sob diferentes perspectivas, traçam o sentido da democracia através da defesa da liberdade. Quer seja no afinamento ideológico com o ideal democrático americano expresso por Trump, na defesa de um STF que respeite as liberdades individuais, ou na suposta missão divina para defender a liberdade no Brasil contra os seus supostos detratores, o sujeito enunciativo movimentava o sentido de liberdade, pois “as expressões, palavras e/ou proposições podem mudar de sentido à medida que as posições sustentadas pelo sujeito, baseadas em sua formação ideológica, também mudam” (Santos *et al*, 2021, p.89).

Assim, o conceito de liberdade é algo instrumentalizado, político, não absoluto. Para Bolsonaro, a liberdade é condição *sine qua non* para a plena democracia. À luz de seus discursos, compreendemos que ele a enxerga como sinônimo de não interferência na vida das pessoas, seja no seu direito de ir e vir (liberdade de reunião), muito apregoada durante o período de isolamento na pandemia, como também a liberdade de expressão, considerando que o bolsonarismo é um movimento político afeito às redes sociais, mas que destila por meio delas os chamados “discursos de ódio”. É importante destacar que o discurso do sujeito enunciativo não se preocupa, por exemplo, com as liberdades das pessoas LGBTQIAPN+ ou com os direitos reprodutivos das mulheres, mas sim com aqueles identificados ideologicamente com sua posição política mais conservadora. Além disso, não são todos os

tipos de liberdade que ganham ênfase em seu discurso: a liberdade de expressão, como dito, talvez seja aquela que recebe maior destaque em seus enunciados. Destarte, o sujeito enunciadador defende a liberdade sem impedimentos ou obrigações para os seus.

- *SÉRIE ENUNCIATIVA: DEMOCRACIA E PATRIOTISMO*

- **Figura 6** - 7 de Setembro



Fonte: *Twitter* (2022)

Neste enunciado, o então presidente-candidato Jair Bolsonaro compartilha sua ansiedade com relação aos eventos do 7 de Setembro de 2022, data em que se celebrou o Bicentenário da Independência do Brasil, sendo então, a condição primordial da ocorrência desse discurso. Em meio à campanha eleitoral, a data cívica foi capturada pelo discurso patriótico, com o uso da bandeira nacional e as cores verde e amarela, servindo para identidade dos eleitores e simpatizantes de Bolsonaro, o que contradiz com a afirmação dada por ele de que o 7 de setembro “é o dia de todos os brasileiros”.

A conclamação para “renovar nossa luta pela liberdade” parece remeter aos discursos proferidos um ano antes, em 7 de setembro de 2021, quando Bolsonaro distribuiu duras críticas ao STF, na pessoa do ministro Alexandre de Moraes, afirmando que a partir de então não cumpriria decisões judiciais e exigindo o enquadramento do poder Judiciário, isto é, que este respeitasse a independência entre os demais poderes aos moldes do que é dito na Figura 4.

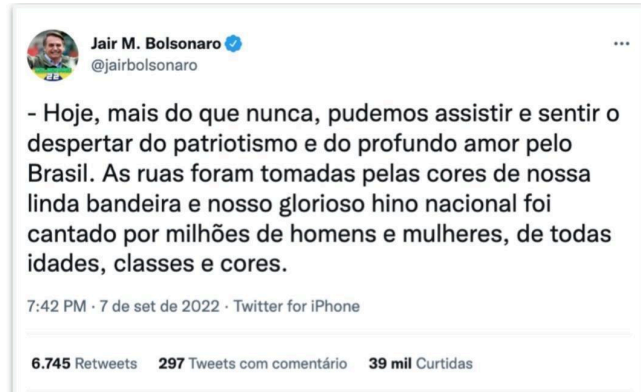
Segundo Foucault (1996, p.26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” Desse modo, o discurso de exaltação da pátria ressignificado por Bolsonaro diversas vezes, principalmente em datas cívicas, encontra ressonância, por exemplo, no lema do Integralismo⁶: Deus, Pátria e Família, adotado e adaptado pelo bolsonarismo com a inclusão do ideal de Liberdade. A partir deste prisma, a persona política de Bolsonaro é erguida como o homem ligado aos valores do patriotismo, que expressa seu amor pela pátria em palavras e ações, especialmente em prol da liberdade no Brasil.

É digno de nota também considerarmos que o uso da data de 7 de Setembro como expressão do patriotismo e dos ideais defendidos por Bolsonaro sobre democracia e seus princípios não é em vão. Esta data recorda a luta pela independência do Brasil, outrora colônia de Portugal. Como aponta Silva (2022, p.13), “o discurso não é formado no instante em que é discursivizado, mas, dito antes, sob outra forma, em outros momentos”, ressignificado, dirige seu olhar para a luta pela liberdade na perspectiva bolsonarista: o combate ao chamado

⁶ Movimento fascista brasileiro idealizado por Plínio Salgado em 1932, também conhecido como Ação Integralista Brasileira (AIB). Inspirado no fascismo europeu, este movimento político de extrema-direita, tinha como base a doutrina cristã-católica e defendia o ultranacionalismo, o conservadorismo e um estado integral.

“anticomunismo”, fantasma ideológico resgatado para rivalizar com a esquerda política; contra a suposta perseguição e censura do STF sobre alvos de divulgação de notícias falsas; e a defesa de pautas como o liberalismo econômico, simbolizado pelo então ministro da Economia, Paulo Guedes.

● **Figura 7** - Manifestações de 7 de Setembro de 2022



Fonte: *Twitter* (2022)

Neste enunciado, o ex-presidente/candidato Jair Bolsonaro comenta acerca das manifestações realizadas em várias cidades brasileiras em alusão ao dia 7 de setembro de 2022, em que se celebrava os 200 anos de Independência do Brasil. Em tom de euforia, o sujeito enunciador comemora a participação popular nas ruas, por meio da qual, segundo ele, pode-se “assistir e sentir o despertar do patriotismo e do profundo amor pelo Brasil”. Mais uma vez, Bolsonaro recorre ao patriotismo e ao sentimento de amor pelo Brasil (nacionalismo exacerbado) como sendo predicados sustentados apenas pelo seu grupo de apoio/eleitores.

Isso fica evidente no enunciado quando se afirma que as ruas foram tomadas por pessoas vestidas com a camisa da Seleção Brasileira nas cores da bandeira nacional (verde e amarelo) e que cantavam o hino nacional, símbolos pátrios, mobilizados politicamente pelo bolsonarismo como elementos identificadores de seu grupo político, assim como a própria data cívica do 7 de Setembro, servindo, vale destacar, aos interesses políticos-eleitorais de Bolsonaro, à época, em campanha pela reeleição.

Diante do exposto, podemos observar o funcionamento de uma vontade de verdade presente no post do ex-presidente que, como bem aponta Domingos (2020, p.16), “é um sistema que se funda naqueles tipos de discursos que funcionam como verdadeiros em detrimento de outros tidos como falsos”. O discurso verdadeiro, apresentado no enunciado ora analisado, é as manifestações alusivas ao 7 de Setembro de 2022, organizadas por eleitores e simpatizantes do então presidente, como atestado do sentimento patriótico e amor pelo Brasil. Se a vontade de verdade se apresenta a partir da exclusão de um outro discurso, considerado falso, logo, há uma interdição/silenciamento neste enunciado, por exemplo, de outras manifestações públicas alusivas à mesma data nacional que até, talvez, tivessem conotação opostora ao governo/presidente de então.

O sentido de democracia que emerge neste enunciado passa pela ideia que a referência às ruas representa: espaço democrático, palco de grandes movimentações sociais como as Diretas Já e as jornadas de 2013, as ruas das grandes cidades/metrópoles do Brasil se tornam palco das insatisfações populares e dos anseios mais latentes da sociedade brasileira. Esse contato com diferentes enunciados que fazem alusão ao espaço da rua (lugar público para exercício da democracia) só é possível graças ao acúmulo do enunciado, que tem a ver com a existência de uma memória constitutiva dos enunciados, pois, nos diz Foucault (2012,

p.119-120), “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados”. Esse acúmulo passa não só por enunciados pretéritos de outros sujeitos que trazem à rua para a materialidade discursiva, mas também fazem conexão com outros enunciados do próprio ex-presidente onde há manifestação referente às mobilizações populares de seus eleitores. Ao afirmar que as ruas foram tomadas pelos supostos verdadeiros “patriotas”, o sujeito enunciador, se munindo de um claro exagero, articula sua estratégia discursiva para evidenciar que possui o apoio maciço da sociedade brasileira. Não se trata de um artifício discursivo novo, visto que Bolsonaro já enunciava uma espécie de “DataPovo”, quando pesquisas de opinião o colocavam atrás de Lula na disputa pelo Planalto, se munindo de imagens com grandes massas de apoiadores para se contrapor e desacreditar os institutos de pesquisa.

Ao evidenciar que homens e mulheres “de todas as idades, classes e cores” participavam, em espírito cívico, das manifestações de 7 de setembro de 2022, o sujeito enunciador parece querer passar a imagem de nação, a totalidade do povo brasileiro. Todavia, pela própria descrição de como estavam vestidos e se portavam nas ruas, percebe-se que esses manifestantes se identificavam com o bolsonarismo e não com outras correntes e partidos políticos, como o PT, principal adversário de Bolsonaro. Logo, não representariam a pluralidade absoluta dos brasileiros. Tal constatação evidencia os efeitos desse sequestro dos símbolos nacionais, que deveriam servir como identificadores do povo brasileiro como um todo e não a determinados segmentos políticos, contudo, como se percebe, são utilizados como artifícios de uma vontade de verdade, a saber: que os “verdadeiros” brasileiros são aqueles que vão para as ruas vestidos com as cores da bandeira nacional, cantando o hino e que compartilham do mesmo sentimento para com o Brasil. Logo, apregoa-se outra verdade: o grupo político associado a Bolsonaro seria o único verdadeiramente preocupado com o futuro do país.

Assim posto, é importante observar que não há menção explícita à democracia neste enunciado. Todavia, pode-se reconstituir a rede de sentidos que se ligam ao conceito dentro de um domínio associado: neste caso, democracia se liga a “ser patriota”, “usar as cores da bandeira”, “cantar o hino nacional”. Tudo isso poderia sintetizar, nos dizeres do sujeito discursivo, um “profundo amor pelo Brasil”. Face ao exposto, o sentido de democracia possibilitado neste discurso está concentrado nessa margem povoada de outros enunciados (Foucault, 2012) que circundam o patriotismo/nacionalismo, reforçam e atualizam a vontade de verdade de onde o sujeito enuncia. Ademais, pode estar associado também à ideia de povo, conforme o enunciado, “de todas as idades, classes e cores”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos nossos objetivos, inicialmente, ressaltamos a busca pelos sentidos sobre democracia produzidos a partir das declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter* durante o período eleitoral de 2022. Esta bússola norteadora deste trabalho só conseguiu ir adiante a partir do escrutínio das condições de possibilidade e da vontade de verdade nos discursos analisados.

Através das contribuições da AD, de base foucaultiana, compreendemos que um discurso não possui sentido em si mesmo, tampouco apresenta sentido único, mas tem a sua significação construída (e aceita) pelos sujeitos sociais mediante as condições de possibilidade, as relações de poder e as lutas políticas. Assim, os sentidos sobre democracia presentes nos dizeres de Bolsonaro analisados são múltiplos e apresentados de maneira explícita ou não. Dos sete enunciados que constituem o *corpus* desta pesquisa, apenas dois (Figuras 2 e 4) fazem menção direta à palavra “democracia”. Os demais enunciados, como vimos, articulam os sentidos acerca da democracia a partir da tessitura de uma rede de

sentidos dentro de domínios associados: *jogo democrático, nações democráticas, Brasil livre, liberdade, patriotismo, independência entre os poderes, Constituição Federal, ruas* e outros signos. Percebemos, então, que estes sentidos vão desde uma rivalidade política com Lula/PT, a partir de uma tentativa de desmoralizar o adversário/inimigo político, passando pela defesa veemente dos princípios da liberdade, se munindo de apoios externos, de críticas à postura do STF e do discurso religioso do combate entre o bem e o mal, até chegar na exacerbação de valores nacionalistas e do amor à Pátria, sequestrando datas, símbolos nacionais e até mesmo a hegemonia do espaço das ruas (metáfora da democracia).

Como objetivos específicos deste trabalho, procuramos identificar como esses sentidos de democracia são erguidos pelo sujeito enunciador a partir dos conceitos das condições de possibilidade e como eles dialogam com outros discursos já existentes na exterioridade. Nessa seara, descobrimos que as condições de possibilidade de tais discursos sobre a democracia também variam. Foram possibilitados pela aliança que sairia vencedora entre Lula e Alckmin, as anulações das condenações de Lula no âmbito da Lava-Jato e a sua dificuldade em construir um discurso de anticorrupção convincente, a carta em defesa da democracia lida no Largo da Universidade de São Paulo (USP) em meados de 2022 (inspirada na homônima lida no período da ditadura militar), o vídeo de apoio à reeleição de Bolsonaro enviado por Trump, as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil e a adesão dos discursos religiosos de base cristã em grande parte da sociedade brasileira.

Todo esse conjunto de acontecimentos, como elementos sócio-históricos, acontece nos meses imediatamente antes dos primeiro e segundo turnos da eleição presidencial de 2022, mas as matrizes discursivas, em torno das quais orbitavam, não eram novas. Como destacamos neste estudo, os discursos em defesa do “novo” na política brasileira, o combate à corrupção, a defesa intransigente das liberdades (especialmente as de cunho individual), a aproximação ideológica com a direita americana representada no político republicano Trump, a presença do discurso evangélico no político e a ode ao patriotismo não surgiram durante a campanha de 2022, mas foram resgatados especialmente da saga eleitoral vitoriosa de Bolsonaro em 2018, quando este lançava as bases ideológicas/políticas do que viria a se convencionar como bolsonarismo.

Posto isso, a contribuição deste trabalho está, entre outras coisas, em analisar a cadeia discursiva em torno da qual se articulam os dizeres e práticas do sujeito enunciador e os efeitos que daí decorrem e instauram redes de sentido e verdades acerca da democracia. Os sentidos de democracia construídos nos diferentes enunciados analisados neste estudo mostram como as verdades em torno desse conceito eram múltiplas, à mercê das condições de possibilidade desses discursos e de quem e/ou para quem se pretendia dirigir, pois, a vontade de verdade, como postulado foucaultiano, além de se impor consoante à exclusão de outras, é construída e moldada para atender aos interesses de quem almeja o poder (o controle do discurso e a sua penetração no tecido social brasileiro). Apesar de ser movimento de praxe na perspectiva discursiva, as relações de poder ganham maior evidência se pensarmos que todos estes enunciados fazem parte da estratégia discursiva da campanha eleitoral pela reeleição do então presidente brasileiro, logo, trata-se da condição principal que possibilitou o surgimento dessas discursividades.

Um traço recorrente da cadeia discursiva analisada e que determina, em grande parte, a edificação das verdades sobre a democracia do sujeito enunciador é a constante oposição ao candidato Lula e ao seu partido, o PT. Essa polarização discursiva, que ainda tem se mantido na sociedade brasileira, possui sua razão de ser num período eleitoral, mas chama a atenção pelo grau de virulência, deboche, segregação e mentiras/narrativas distorcidas como estratégias discursivas e que ajudam a construir os sentidos de democracia presentes nestes enunciados. Tudo isso evidencia, como nos ensina a AD, que não existe o discurso verdadeiro e falso em sua essência, tal como concebemos filosoficamente em outros âmbitos. O que há

são verdades (e mentiras, por extensão) construídas por aqueles que procuram ou detém o poder e tomadas como tais por aqueles que circulam nessas mesmas formações ideológicas. Ao tomar como materialidade os gêneros que circulam na esfera digital (no caso, os *tweets*), o discurso de Jair Bolsonaro sobre a democracia carrega, como todos os discursos na sociedade, as marcas indelévels de sua história e ideologia, das verdades que (re)formulou a respeito de liberdade, pátria, instituições democráticas e povo brasileiro, cruzando neles, enquanto elemento da função enunciativa, diferentes posições discursivas, uma vez que nenhum sujeito está circunscrito exclusivamente a uma formação discursiva, determinando também essa rede de efeitos de sentido no discurso analisado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, A. C.; LOURENÇO, R.F. Lideranças populistas, firehosing e a dinâmica algorítmica: um estudo dos posicionamentos de Jair Bolsonaro. *In: AZEVEDO JUNIOR, A.C. PANKE, L. (orgs.) Eleições, propaganda e desinformação*. 1.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2022, p. 17-41.

AZEVEDO, A.C.O; PEREIRA, M.H.M; AYRES, D.J. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. *Revista Philologus*, n.79, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2021, p.1132-1140.

CAMARGO, C. M.S. Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheutiana e sua relação com a memória social. *Saber Humano*, v.9, n.14, 2019, p.167-181.

DOMINGOS, J. **Discurso, poder e subjetivação**: uma discussão foucaultiana. 4.ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

FILHO, R.B.P; DIÓGENES, J.V.H; GÓES, R.T. Democracia iliberal e sociedade em rede: A era das redes sociais e seus impactos na democracia. *Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos*, v.7, n.1, p.18-31, 2021.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2007.

JOANILHO, A.L; JOANILHO, M.P.G. Enunciado e sentido em Michel Foucault. *Revista Línguas*, n.27-28, p.27-41, 2011.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MOURA, T.S; BRUNET, P.D.M; SILVA, F.V. Discurso, poder e subjetividade na sociedade do cansaço: um estudo de tiras cômicas da série Viver dói, de Fabiane Langona. **Discursividades**, v.12, n.1, 2023, p.1-26.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e fundamentos**. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e fundamentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PINTO, C.R.J. Elementos para uma análise de discurso político. **Revista Barbarói**, n. 24, Santa Cruz do Sul, 2006, p. 78-109.

RODRIGUES, A.L; XAVIER, M.M. Nas trilhas do discurso: as contribuições de Mikhail Bakhtin e Michel Pêcheux. **Revista Saridh**, v.1, n.1, p.67-90, 2019.

SANTOS, J.A; OLIVEIRA, G.S; SAAD, N.S. Análise de discurso: fundamentos e procedimentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p. 84-97, 2021.

SANTOS, R.M; CIOCCARI, D.O; MORAES, T.P.B. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. **Mediapolis**, v.10, 2020, p.65-81.

SEIBT, T; DANNENBERG, M. Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos. **Liinc em Revista**, v.17, n.1, p. 1-27, 2021.

SILVA, C.G.C. **O bolsonarismo da esfera pública: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro**. Dissertação de Mestrado. Manaus, 2020.

SILVA, G.F.P. **O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Taubaté, 2013.

SILVA, M.M. **O discurso antirracista nas charges: a regularidade discursiva na rede social**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras- Português). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus, Senhor do Universo, por ter me concedido o dom da vida, a sabedoria e a saúde necessárias para realizar e vivenciar este momento único em minha vida acadêmica/profissional. Agradeço também a presença materna e a constante intercessão da Virgem Maria em minha vida, especialmente nos momentos de dúvidas, medos e incertezas.

Agradeço aos meus pais, Marcos e Elissandra, por todo amor e apoio dados durante minha vida, em especial, durante estes anos de graduação. Eles sabem, mais do que ninguém, do meu potencial, do meu empenho e dedicação nesta fase de minha existência. Agradeço também aos familiares e amigos pelas palavras de incentivo. Saibam que isso muito contribuiu para acreditar que eu poderia chegar até aqui, mesmo diante dos desafios. Dizem que eu sou muito inteligente. Tenho a humildade de reconhecer que talvez o seja, mas nunca o suficiente para paralisar na busca do conhecimento. Para mim, inteligente é quem não se fecha na sua epistemologia construída e a utiliza para o bem das pessoas. Ninguém, absolutamente ninguém, sabe tudo. E que bom que assim seja!

Agradeço aos meus queridos amigos/colegas de profissão que a UEPB me deu: Letícia, meu braço direito e conterrânea, um presente em minha vida; Ariane, Tierry, Mariana, Emanoella, Vitória, Eduarda Lima e tantos outros que, a sua maneira, contribuíram para que o processo da graduação, no remoto e no presencial, fosse mais leve, alegre e produtivo. Levo cada um de vocês, as experiências/aprendizados trocados e os momentos vividos em meu coração.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de Letras-Português da UEPB que contribuiu, cada um à sua maneira, para a edificação do conhecimento que tenho hoje. Agradeço a coragem e determinação de Bruna Santos em 2020, quando em plena pandemia, resolveu conceder um minicurso de escrita acadêmica. Foi com esta iniciativa que comecei meu percurso acadêmico. Agradeço ao professor Diógenes Maciel, por ter me acolhido no PIBIC por dois anos. Uma experiência única, que ressaltou meu lado pesquisador e aprimorou minha escrita acadêmica. Agradeço ao professor José Domingos, pela orientação neste TCC e pela inspiração concedida ao longo da graduação. Agradeço a professora Simone Dália, pela acolhida em sua monitoria, um desejo antigo em minha vida acadêmica. Agradeço também a todos os professores que me possibilitaram pesquisas e produções de artigos: Kalina Naro, Clara Regina, Anderson Cardoso, Tânia Pereira, Silvana Oliveira, Anacã Agra. Todos estes trabalhos me moldaram e certamente contribuíram para a escrita deste trabalho de conclusão de curso. Cada professor(a), nesses anos de graduação, também os de estágio (Iara, Magliana e Kalina), despertaram em mim o senso/o tato do agente professor, para o bom ensino de língua portuguesa e a postura em sala de aula. Acredito que nada é em vão e que nenhum encontro/experiência entre aluno e professor não deixa algo como aprendizado.

Por fim, agradeço a todos que fazem parte da UEPB, por manterem este espaço propício na edificação do saber e por terem pavimentado, antes de mim e comigo, toda esta trajetória.